O recurso aos memes em diferentes padrões de gêneros à luz da Linguística Textual

Mônica Magalhães Cavalcante*
Rafael Lima de Oliveira**

Resumo

A presente pesquisa propõe descrever e definir a prática linguageira dos memes na internet, analisando-os a partir dos critérios definidores dos gêneros do discurso segundo os pressupostos de Bakhtin, de Miller, de Bazerman e de Rojo, para compreender como e com que propósito surgiram os memes, e como esses se constituem em um percurso histórico na internet. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teóricos de Bakhtin (2003) e Bazerman (2009) e a noção de gêneros emergentes de Marcuschi (2004) e Lima-Neto (2014), além da compreensão dos processos intertextuais com base em Cavalcante. Carvalho e Faria (2017). A partir de nossa análise, argumentamos que, por coerência com a noção de gênero que sustentamos, os memes não poderiam constituir um único e mesmo gênero do discurso, pois podem compor uma diversidade de práticas discursivas, nem todas com uma nomeação estabilizada socialmente.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Meme; Viralização. Intertextualidade.

Introdução

A partir do advento da internet, como hoje a conhecemos, por volta da década de 1990, e com a massiva proliferação do uso das redes sociais, as interações humanas assumiram os mais diferentes formatos. Esses importantes acréscimos contribuíram significativamente para o surgimento de novas formas de comunicação e interação. Foi a partir deles também que se buscou analisar os

Data de submissão: dez. 2018 - Data de aceite: mar. 2019

http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v15i1.8931

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2000), com pós-doutorado em Linguística pela Unicamp (2003). Atualmente, é professora associada IV da Universidade Federal do Ceará e bolsista CNPq de produtividade em pesquisa nível PQ-2. Tem experiência na área de linguista do texto, com ênfase em referenciação, mas também pesquisa intertextualidade, metadiscursividade, argumentação, heterogeneidades enunciativas, gêneros do discurso, articulação tópica e sequencias textuais. E-mail: monicamc02@gmail.com

^{**} Mestrando em Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É membro do Grupo de Pesquisa e Linguística – Protexto-UFC. E-mail: rafaellima@outlook.com

chamados gêneros emergentes, definidos por Marcuschi (2004) como gêneros tão efêmeros e maleáveis que não se pode garantir sua longevidade e rigidez quanto às formas e às funções, características comuns aos gêneros já consolidados.

Na última década, a internet virou o terreno apropriado para uma prática linguageira bastante comum e difundida que aqui denominamos meme. Podemos considerar o recurso tecnológico do meme como uma prática linguageira, se adotarmos a concepção de linguagem de Charaudeau e Maingueneau como um conjunto de práticas linguageiras condicionadas pelo social, mas dele condicionantes:

[...] [a] "prática linguageira" remete às noções de "produções verbais", de "enunciação", de "fala", e até mesmo de "performance", mas distingue-se delas de um ponto de vista teórico pela ênfase posta na noção de "prática": a linguagem faz parte do conjunto das práticas sociais, sejam elas práticas de produção, de transformação ou de reprodução. [...] Como qualquer prática social, as práticas linguageiras são determinadas e restringidas pelo social e, ao mesmo tempo, elas produzem efeitos sobre ele, contribuem para transformá-lo. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 397).

O meme constitui-se a partir de textos publicados na internet com propósitos essencialmente humorísticos e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, que mantêm relações intertextuais com textos de situações diversas dos usuários da internet. Durante o desenvolvimento deste trabalho, buscaremos esclarecer os processos de

intertextualidade e de que forma eles contribuem para a criação dos memes.

Por se tratar de um objeto de análise relativamente novo, a literatura sobre gêneros apresenta caracterizações e classificações distintas do meme. Em obras recentes, como a de Rojo e Barbosa (2015), por exemplo, o meme é considerado como um tipo de gênero do discurso. Essa mesma ideia é defendida por outros pesquisadores, em trabalhos como os de Passos (2012), Silva (2016), Lima e Castro (2016) e Castro (2017).

Mostraremos, neste trabalho, as dificuldades que esse posicionamento causa até para a própria definição de gênero que assumimos em linguística textual, razão por que optamos por não assumir a noção de meme como gênero do discurso. Um fato que corrobora essa decisão é o de que os memes podem ser materializados em diversos gêneros, e um deles é o que, por vezes, tem sido chamado de "post com meme" ou "meme verbo-imagético", isto é, postagens de textos verbo-imagéticos com um determinado padrão nas redes sociais e que são. popularmente, denominadas de "gênero meme", ainda que tal forma de designar não seja inteiramente consensual. Tampouco é consensual, nem precisa, a denominação de "post com meme", sugerida por Cavalcante (2016), por Taffarello (2017) e por Lima (2017), já que um *post* pode comportar gêneros variados, e designar esses textos desse modo não diz exatamente que gênero é postado com o recurso do meme. Portanto, chamar de

postagem com meme é tão problemático quanto manter a denominação popular de "meme", simplesmente. Tal imprecisão terminológica, na verdade, é muito peculiar aos gêneros que, a todo instante, se transmutam na mídia internet, numa velocidade tão alucinante que não conseguem, por vezes, convencionar um nome. Apesar dessa diversidade de gêneros que apresentam memes, acreditamos que os memes influenciam sensivelmente na formação e na solidificação dos gêneros emergentes na esfera das mídias digitais.

A falta de uma classificação e de uma definição precisa e uniforme para esta prática social nos incita à elaboração desta pesquisa, em busca não somente de compreender como surgem os memes dentro de um percurso histórico da internet, mas também de analisar seus traços característicos. A partir disso, refletiremos sobre as postagens das redes sociais que costumam aparecer sob a forma de texto verbo-imagético com a participação do recurso dos memes. Objetivamos contrastar suas diferentes manifestações à luz do tripé sugerido por Bakhtin para a consideração de um gênero: tema, composição e estilo, para, por fim, propor uma caracterização inicial das práticas discursivas em que costumam se dar os memes. Assim sendo, com esta breve reflexão, almejamos contribuir minimamente para uma compreensão mais criteriosa de alguns padrões genéricos. cada vez mais recorrentes e diversificados, que se utilizam de memes.

Sobre gêneros discursivos e gêneros discursivos emergentes

Concebemos gêneros discursivos, como propôs Bakhtin (2003), não somente como tipos relativamente estáveis de enunciados, com regularidades temáticas, composicionais e estilísticas, que utilizamos para interagir socialmente, mas também, como ressaltou Bazerman (2009), para, em alguma medida, dar forma às atividades sociais. Como afirma Fiorin, em consonância com o pensamento bakhtiniano:

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividades (FIORIN, 2006, p. 61).

Na teoria bakhtiniana, a unidade concreta e real de comunicação é o enunciado, tendo em vista que esse carrega relações de significação que vão muito além do significado linguístico estabilizado e pertence aos sujeitos discursivos de alguma esfera da atividade humana. Para o autor, o enunciado é um evento único e irrepetível. Cada esfera da socie-

dade produz tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denomina de gêneros discursivos. Souza (2011, p.4) nos diz que por serem oriundos das relações sociais, os gêneros "sofrem, incessantemente, influência das transformações que ocorrem na sociedade, ampliando-se à medida que se complexifica o campo das atividades humanas".

Pinto (2010), em seus estudos sobre a argumentação em gêneros discursivos, sintetiza bem os pensamentos bakhtinianos sobre tema, estilo e unidades composicionais, ao afirmar que o tema seria composto por um sistema de signos dinâmicos e complexos atualizados historicamente, assim como o próprio gênero do discurso. Ou seja, estão ligados à noção de tema elementos verbais, como as formas linguísticas, e elementos não verbais, como o contexto socio-histórico, o suporte material, o objetivo definido e as relações entre locutor/destinatário/objetivo.

Na sequência, Pinto (2010) observa que a noção de estilo, para Bakhtin, diz respeito à escolha de estratégias linguísticas, de acordo com a "solicitação" do gênero em que o texto está inserido. Por fim, para a autora, as unidades composicionais representam a estruturação das diversas partes do texto em função da relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal. Um leitor/ouvinte, ao reconhecer determinado gênero, pode inferir qual o tipo de estrutura composicional que um texto tenderá a apresentar. Bazerman (2009) afirma que a maioria dos gêneros tem

características de fácil reconhecimento, as quais permitem a identificação da espécie de texto a que pertencem, dentre elas as funções principais ou as atividades realizadas via gêneros.

Dada a relação entre os gêneros e as práticas sociais, o advento da internet complexificou, modificou e permitiu o surgimento de variados gêneros discursivos. Para Marcuschi (2004), a internet favorece novas formas de comportamento comunicativo. Com a tecnologia e as transformações nas formas de interação, novos gêneros passam a existir para atender às necessidades interacionais. Esses gêneros que emergem no contexto digital são, para Marcuschi, "relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes. tanto na oralidade, como na escrita" (MARCUSCHI, 2004, p. 13), ou seja, os gêneros emergentes não seriam completamente novos e trariam consigo um traço de outro gênero anterior a ele. Essa perspectiva de uma continuidade com uma tradição já havia sido aventada por Bakthin (2008):

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...] Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade (p. 340)

Recorrendo a pressupostos de Miller e Shepherd, Lima-Neto (2014) defende que "enquanto houver demandas enunciativas, possivelmente gêneros antigos evoluirão e passarão a ser tratados como novos, em virtude de novas categorias passarem a ser recorrentes" (LIMA-NE-TO, 2014, p. 54). Com essa afirmação, o autor assume o pressuposto de que todo gênero hoje consolidado, um dia, teve seu momento de emergência. A partir disso, Lima-Neto propõe um continuum, com o qual concordamos, que perpassa todo e qualquer gênero, com estágio de surgimento, emergência e estandardização, sendo o surgimento não ainda compreensão de um gênero como tal, mas como "uma prática discursiva comunicativa que surgiu a partir da demanda enunciativa de uma sociedade" (LIMA-NETO. 2014, p. 285). No estágio de emergência, segundo o autor, a prática começa a ser repetida de modo tipificado, isto é, com traços recorrentes, mas também apresenta elementos amorfos, já que sua identidade como gênero está em processo de construção.

Nesse estágio são encontrados hoje, nas redes sociais, gêneros que não apresentam uma tipificação bem estabelecida, muito menos nomenclatura consensual. Esses gêneros emergentes com funções humorísticas são, por vezes, chamados de "memes" por inúmeros usuários, o que nos parece inadequado ou pelo menos ingênuo, dada a complexidade desse fenômeno. Sabemos que, de fato, estamos frente a gênero(s) discursivo(s)

ainda emergente(s), tendo em vista que a comunicação só é efetuada por meio deles. E – principalmente – sabemos que, se esta for a decisão das comunidades discursivas, não haverá como recusar a mesma designação de "meme" para uma diversidade de gêneros.

Traços constitutivos dos memes: viralização e intertextualidade

Com a globalização e a internet, o fluxo de informações adquiriu proporções gigantescas. Hoje, facilmente, uma notícia ganha o mundo em minutos e os compartilhamentos em redes sociais chegam, muitas vezes, aos milhões. Nessa realidade, é comum que nos deparemos com o termo "viralização" (como na frase feita "a foto dela viralizou na internet", por exemplo). Os memes recebem esse status, inicialmente, por serem um fenômeno viral, ou de viralização. Se consultarmos o dicionário, veremos que viral está, obviamente, ligado a algo causado por vírus, mas certamente não é disso que aqui tratamos, mas, sim, de uma noção metaforizada de disseminação. O conceito de *viral* aparece aliado à capacidade de se multiplicar (assim como o vírus). Desse modo, entendemos aqui, como viral, a capacidade que um texto tem de ser multiplicado e modificado de diversas formas na mídia internet. No entanto, quando modificado, o texto de um dado gênero preserva um traço mínimo que remete a um texto-fonte, sendo esse traço mínimo o que nos permite perceber os outros traços distintivos, que nos fazem compreender que se trata de algo completamente novo.

É importante ressaltar que nem todo viral é necessariamente um meme, mas que todo meme é necessariamente fruto de uma viralização – de maior ou menor grau. Vejamos, a seguir, um exemplo de caso de um viral que não se configura como meme:

Foto viraliza Cod de Othelia Rosa, de 13 anos, residea o sertificado de Alano Bestaque Naciones - EFECON LANG 1 Anteriores de Servicio de Servicio de Servicio de Alano Bestaque 2 Servicio de Ser

Mãe se emociona com boa nota da filha e

Exemplo 11

A notícia anterior comenta a viralização da imagem de Eloá de Oliveira Rosa e de sua mãe segurando um certificado de melhor aluna da escola dado à menina. Certamente muitos de nós visualizaram essa imagem em nossas redes sociais, seja pelo Facebook, seja pelo Instagram, principalmente pela comoção gerada na internet. No entanto, ninguém admitirá que esse caso se configura como um meme, pois não houve qualquer pretensão lúdico-satírica na replicação da imagem e, acima de tudo, não houve uma recriação, ou transfor-

mação do texto-fonte, numa espécie de movimento parodístico.

Nesse ponto, torna-se essencialmente importante tratarmos dos processos intertextuais, à medida que acreditamos que esses sejam imprescindíveis para a constituição do meme enquanto prática linguageira. Nossa compreensão acerca do fenômeno da intertextualidade se baseia em Cavalcante, Carvalho e Faria (2017), para quem a intertextualidade é um "fenômeno textual-discursivo que abriga, de forma mais ou menos explícita, as relações entre textos, gêneros e estilos" (p. 11).

Acreditamos que a viralização só é possível por causa dos processos de intertextualidade, por isso viralização e intertextualidade são critérios constitutivos da produção de memes porque todo meme necessariamente implicará a sua relação com um texto-fonte, seja pela copresença, seja pela derivação de um texto-fonte, seja por ambas. Além disso, é com o auxílio da intertextualidade que se reconhece um meme como tal, pois, além do aspecto de viralização, um interlocutor de um texto com meme só o conceberá desse modo caso tenha tido acesso a outros textos que aludem a um mesmo texto-fonte, o qual tenha sido gatilho para o surgimento de um meme.

Desse modo, um meme, quando surge, gera um conjunto de textos de autoria desconhecida (e isso é resultado da própria viralização) que aludem a um mesmo texto-fonte, o gatilho para o início do meme. Dependendo do grau de disseminação, é possível que nem

se reconheça mais qual foi o primeiro gatilho, porque as repetições vão sendo transformadas em outros gatilhos, com pequenas diferenças. A viralização e a intertextualidade com textos-fonte são, para nós, critérios importantes para diferenciar um meme como um aspecto comum a outros gêneros que são reproduzidos na internet.

O meme – do percurso histórico à tentativa de definição

A internet, desde a origem, tem sido, muitas vezes, um ambiente de divulgação de conteúdo humorístico, mas foi a partir da ampliação do uso das redes sociais que se difundiram textos humorísticos que reproduzem situações ou eventos dos tipos mais corriqueiros e diversos, em proporções tão altas que se configuram como virais.

Para além das definições sociológicas de Richard Dawkins, em seu livro O Gene Egoísta (2007), no qual o autor postula a ideia de "meme" como unidade de informação cultural que é replicada de pessoa para pessoa em analogia ao gene, as primeiras concepções de meme na internet partem das chamadas "rage comics", por volta de 2008. As "rage comics" são uma espécie de tirinhas normalmente usadas para contar histórias sobre experiências da vida real que terminam com quebra de expectativa com fins humorísticos. Seus personagens são conhecidos como "rage faces" (pelo menos

no Brasil, as "rage faces" tornaram-se, inicialmente, símbolo máximo daquilo que o senso comum começou a chamar de "meme" na internet). Esse tipo de imagem viral era criado por meio de softwares de desenhos simples, como o Paint, da Microsoft, como no exemplo 2:



Exemplo 22

A partir de então, o fenômeno do meme começou a ganhar um sentido tão amplo que se estendeu a outros gêneros, de tal modo que não se pode mais relacionar o meme apenas a desenhos virais, pois ele passou a se reproduzir também por imagens variadas, estáticas ou dinâmicas, e ainda por recursos verbais. O meme é uma prática linguageira manifestada em textos verbais, verbo-imagéticos ou simplesmente imagéticos publicados na internet, os quais envolvem processos de remixagem, com propósitos, essencialmente, humorísticos

e/ou críticos em relação a uma situação ocorrida no cotidiano, e os quais passam a corresponder aos enunciados de situações diversas dos usuários da internet.

Se tomarmos como base as "rage comics", podemos perceber que alguns traços se mantiveram após essa primeira concepção de meme. Por exemplo, as "rage comics" retratavam histórias "sobre experiências da vida real", e o meme, da forma como é compreendido hoje, é utilizado fortemente para expressar as experiências de vida dos usuários da internet. Os usos dos memes se tornaram tão extensivos que vêm se transportando das telas do computador e dos smartphones para o dia a dia das pessoas, com utilizações diversas e com propósitos comunicativos semelhantes aos que encontramos na internet, ganhando status de bordão. Quando se tornam bordões, o senso comum parece não mais nomeá-los como memes, todavia.

Exemplificaremos essa afirmação por meio da figura de Inês Brasil, uma personalidade da internet que ficou famosa após ter seus vídeos de inscrição para o reality show Big Brother Brasil viralizados em todas as redes sociais. A hoje cantora, desde sua saída do anonimato. já publicou dezenas de vídeos e fez aparições diversas em programas de televisão brasileiros, e suas expressões caíram no gosto popular, tornando-se memes principalmente para o público jovem. Vejamos somente um dos inúmeros casos: a expressão dita por Inês Brasil, "Se me atacar, eu vou atacar", em um de seus vídeos, não só é utilizada em conversas

orais cotidianas, como também em diferentes formas em textos diversos, como o comprova uma breve busca no Google e no Youtube:















Exemplo 33

Além desses textos, que, para nós, já demonstram a complexidade do fenômeno em gêneros diversos, o mesmo meme passou também por uma espécie de paródia (ou de apropriação) que une trechos de vídeos de Inês Brasil e da canção *Bad Blood* (principalmente utilizando a sua melodia), da cantora internacional Taylor Swift, feita pelo canal Yanescudo, intitulada "Bad Blood Se Me Atacá", título que faz referência direta ao mesmo meme.⁴

É por essa diversidade de empregos e de manifestação formal que questionamos a ideia de que o meme possa corresponder a um só tipo de gênero do discurso. Para Knobel e Lankshear (2007), lidar com os memes exige uma nova forma de letramento midiático. Se levarmos em consideração o pressuposto teórico bakhtiniano de que os gêneros são enunciados relativamente estáveis, definidos por regularidades de tema. estilo e unidades composicionais, os quais são usados para interagir, então, poderemos questionar se as regularidades temáticas do cotidiano, em tom humorístico e/ou crítico resultam, de fato, em regularidades de estilo e de composição, a ponto de definirem um só padrão genérico para os memes. Para Rojo (2015, p. 88), "o tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo. 'único e irrepetível', justamente porque se encontra viabilizado pela refração de valor do locutor no momento de sua produção". Para a autora, os temas de um enunciado se realizam somente a partir de um determinado estilo e de uma forma de composição específica. O estilo está relacionado às escolhas linguísticas que fazemos (lexicais, sintáticas, de registro, etc.) e a forma composicional concerne mais ou menos aos esquemas superestruturais dos textos, condicionados também pelos suportes que fixam os gêneros e pelas tecnologias midiáticas que os transmitem.

Na verdade, as práticas discursivas dos memes, principalmente por terem emergido da internet e por "habitarem" nela, são dinâmicas e diversificadas demais: os memes podem se construir de imagens (como nas tirinhas e nos cartuns, por exemplo), mas também de trechos verbais, e podem se manifestar, composicionalmente, em formatos de vídeos, de *gifs*, de postagens estáticas nas mídias twitter, facebook, whatsapp etc. Por essa razão, vislumbramos aqui duas possibilidades de tratamento dos memes:

- (1) ou admitimos que as práticas discursivas dos memes (como fenômeno viral na internet) podem aparecer em diferentes gêneros do discurso, porque seus traços fundamentais e constitutivos seriam a viralização de imagens e/ou de recursos verbais, o consequente apelo a estratégias de intertextualidade, os propósitos humorísticos e/ou satíricos/irônicos, razão por que não constituiriam um gênero do discurso, mas estariam presentes em alguns deles que cumprissem finalidades semelhantes;
- (2) ou tomamos como gênero "meme" somente um padrão de texto em posts estáticos cujo ambiente de circulação são as redes sociais, contemplando, necessariamente, temáticas do cotidiano com alguma repercussão nas mídias digitais, sendo reconhecível por estruturas verbais ou não verbais viralizadas, e atendendo a finalidades humorísticas e críticas.

O presente artigo, mais do que optar por uma das alternativas mencionadas, pretende apontar a reflexão de que, do ponto de vista teórico, a definição de gênero com que lidamos não permite afirmar que o recurso imagético digital do meme seja uma propriedade de um único gênero. Neste trabalho, porém, sugerimos apenas que se atente para as diferentes possibilidades de manifestação do fenômeno meme e para a sua relativa estabilidade.

Ponderações sobre a complexidade do fenômeno meme

Faz-se necessário pensar o meme não como um texto apenas, mas como um conjunto de textos (em diferentes gêneros discursivos) que tem como origem um texto-fonte, aquele que dá início à viralização, muito embora não seja sempre possível identificá-lo. Isso porque, por exemplo, quando se fala em "Meme da Barbie Elitista", "Meme do Cristiano Ronaldo e o filho", "Meme Raiz X Nutela", 5 etc., não se está considerando apenas um texto, mas, necessariamente, a replicação em outros textos recriados de trechos de um texto-fonte citados parodisticamente. É possível ainda que um dado texto já recriado pela viralização de um meme dê origem a outros textos inventivamente diferenciados. Por isso, afirmamos que o apelo intertextual a um texto-fonte e sua consequente viralização são aspectos que condicionam a própria elaboração do que pode ser chamado de meme. Desse modo, essa reflexão nos

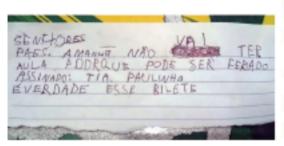
leva a falar de gêneros diversos que contêm memes.

Além dos dois aspectos constitutivos, viralização e intertextualidade, há a finalidade ou os propósitos da produção dos memes. Se tomarmos por base a classificação de "regimes de intertextualidade" proposta por Genette (1982), que agrupa em três funções os casos de transformação e de imitação de gêneros que derivam outros, podemos afirmar que os textos com meme podem ter função lúdica e/ou satírica, mas dificilmente não apresentariam nenhuma das duas, de modo a poderem ser tratados como tendo uma função "séria". Devido à sutil diferença entre o que é "lúdico" e o que é exclusivamente "satírico", principalmente se pensarmos que, em geral, um texto satírico recorre ao ludismo, então podemos falar em uma função lúdico-satírica dos memes.

A seguir, analisaremos textos de dois memes diferentes — o "É verdade esse bilete" e o "Dessa vez Pabllo Vittar foi longe demais". Contextualizaremos cada um dos casos para demonstrar como um meme, a partir da intertextualidade e da viralização, acontece com a produção e reprodução de textos diversos em gêneros.

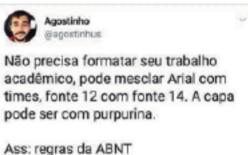
Comecemos com o "É verdade esse bilhete". Em agosto de 2018, a mãe do pequeno Gabriel Lucca publicou, em sua rede social, um bilhete escrito pelo filho que simulava um comunicado da escola. O bilhete, reproduzido abaixo, viralizou nas redes, pela situação cômica gerada tanto pela tentativa malsucedida da criança de se livrar da aula, quanto pela

caligrafia garranchada, assim como pelos erros ortográficos do garoto (inclusive na própria ortografia da palavra mais representativa desse meme: "bilete"), típicos na produção textual de crianças da idade do menino, 5 anos. À medida que viralizava na internet, o bilhete foi se tornando um meme bastante produtivo em redes sociais e aplicativos de mensagem, com a replicação e construção de novos textos que mantinham relação com o original, como podemos observar nos seguintes exemplos:



Exemplo 46 e Exemplo 57

No Exemplo 5, temos um tuíte que reproduz, assim como a maioria do conjunto dos textos desse meme, um modelo de bilhete que segue a estrutura do texto-fonte produzido pelo garoto (Exemplo 4). No entanto, esse novo bilhete simula um bilhete enviado pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). nacionalmente conhecida por pesquisadores e estudantes de todo o país, dada a obrigatoriedade da utilização das normas em trabalhos acadêmicos. O bilhete do tuíte diz "Não precisa formatar seu trabalho acadêmico, pode mesclar Arial com times, fonte 12 com fonte 14. A capa pode ser com purpurina". No fim, aparecem a assinatura "Ass: regras da



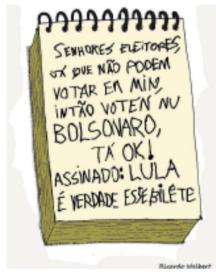
É verdade esse bilete

1:59 PM - 03 set 18

ABNT" e a frase igualmente utilizada pelo garoto no texto-fonte "É verdade esse bilete".

O tuíte brinca justamente com a situação de alguém que quer fugir de uma obrigação, neste caso a normatização de trabalhos acadêmicos, e simula um bilhete visando dar fim a sua obrigação. Nesse caso, não há, por exemplo, uma imitação de estilo de caligrafia, como houve em alguns casos, até mesmo pelas limitações do texto digitado nesta rede social, mas há ainda o apelo textual, principalmente pela utilização do "É verdade esse bilhete", o qual é facilmente reconhecido pelos interlocutores que partilharam e partilham do contexto do meme.

No exemplo 6, vemos uma charge de Ricardo Welbert que também alude ao texto-fonte do meme, tanto na reprodução do estilo de caligrafia, como na própria estrutura utilizada pelo garoto no bilhete. Dessa vez, há aí uma relação também com o contexto político nacional, mais especificamente com a eleição presidencial de 2018, com a simulação de um bilhete escrito pelo ex-presidente Lula (aludindo amplamente a um esterótipo de baixa escolaridade atribuído a ele), que autoriza seus eleitores a votarem no então adversário Jair Bolsonaro. Apesar de o texto verbal utilizar, além da caligrafia irregular, inúmeros erros ortográficos, também deixa pistas de que o falso bilhete teria sido escrito justamente pelo opositor, com a utilização da expressão "tá ok!", comumente falada pelo então candidato ao fim de suas frases. Encerra-se o texto prototipicamente com a propagada a frase que liga diretamente o texto-fonte ao conjunto de textos do meme: "É verdade esse bilete".



Exemplo 68

O exemplo 7 comunga de contexto similar ao do texto anterior, a eleição presidencial de 2018, mas remete, especificamente, ao episódio da facada que o então candidato Jair Bolsonaro recebeu durante um ato de sua campanha política. É comum que determinados textos com meme compartilhem contextos similares – por exemplo, a viralização do texto-fonte do "É verdade esse bilete" e a produção de textos derivados desse meme coincidiram com a campanha eleitoral do Brasil.

No exemplo, temos um *print* de uma postagem de Facebook (essa rede social se faz reconhecível pelo *layout* de postagem: o botão curtir, outros botões de reação etc.) com uma fotografia na qual existe um papel rasgado, que se assemelha ao formato de uma faca, em que está escrito "É verdade essa faca". As relações intertextuais com o texto-fonte viralizado se dão tanto pela repetição da frase (que é alterada no fim, substituindo parodisticamente bilhete por faca), quanto pela utilização de certos padrões textuais de um bilhete, mas com formato de faca.



Exemplo 7

Esse é um exemplo evidente de como o recurso aos memes em textos podem insuflar debates na internet, pois esse post indiretamente questiona a veracidade do atentado sofrido por Jair Bolsonaro em ato político no instante em que, intertextualmente, compara a facada dada no então candidato ao bilhete falso produzido pela criança. Desse modo, entendemos que o recurso aos memes em textos, muitas vezes, configura-se como estratégia argumentativa eficaz em tempos de debates inflamados na internet.

Por fim, os exemplos 8 e 9 ilustram um caso menos usual, mas não improvável, da produção de textos com memes – apenas textos verbais com utilização de *emojis*. Os exemplos selecionados fazem parte do meme "Dessa vez Pabllo Vittar foi longe demais", que satiriza as *fake news* mirabolantes sobre a cantora e *drag queen* mencionada no título dado ao meme. Vejamos:



Exemplos 8 e 9

No exemplo 8, temos um trecho verbal em caixa alta alertando para o fato de que a marca de pães Plus Vita passará a se chamar Plus Vittar (aludindo ao sobrenome da drag) e conterá em seus componentes hormônio feminino. A utilização da caixa alta e dos emojis satiriza o estilo de mensagens falsas que costumam circular via Whatsapp. as quais chamam a atenção para um perigo eminente meio absurdo. O meme surge, então, como uma resposta a essas notícias falsas que foram e são criadas com intuito de difamar, principalmente, a comunidade LGBTQ+, criando notícias ainda mais absurdas. É muito importante constatar que casos como o do exemplo (8), ao contrário dos anteriores, que transformavam parodisticamente um texto-fonte, repetem intertextualmente a imitação de um estilo de gênero, reproduzindo uma espécie de plano de texto das fake news. Se casos assim forem identificados corriqueiramente como memes, então estaremos talvez autorizados a afirmar que o recurso digital do meme poderia abranger a intergenericidade, ou imitação da composição e da temática de um gênero com a finalidade de outro.

O mesmo estilo da caixa alta, os *emojis* e a temática acontecem também no exemplo 9, que anuncia, como nas *fake news*, a compra da Disney pela *drag* Pabllo Vittar. O trecho verbal faz um inteligente jogo de palavras em seguida, ao informar que o personagem Mickey Mouse passará a se chamar Mi-gay Mouse; que terá um relacionamento com

o Pato Donald; e que a Minnie se transformará em uma prostituta bissexual. Satiriza-se, com isso, a alegada ameaça à educação das crianças, amplamente repetida na campanha política de Bolsonaro.

Diversos textos desse meme foram criados por usuários tanto do facebook quanto do twitter e do whatsapp, utilizando esse mesmo padrão e reproduzindo histórias absurdas que envolvem a comunidade LGBTQ+ e uma possível "ditadura gayzista", isto é, uma suposta imposição de uma cultura gay estereotipada às relações humanas.

Conclusão

Tendo em vista a diversidade não só de temáticas, mas também de recursos linguísticos (correspondentes à noção de estilo bakhtiniano) e de formas de composições textuais, cremos que, quando falamos em memes, estamos, na verdade, nos reportando a uma rica e multifacetada prática linguageira digital, que, por meio da viralização e da intertextualidade, assume proporções gigantescas e imprevisíveis na construção de sentidos.

O recurso aos memes é hoje essencial para a produção de textos humorísticos (e críticos) na internet, por isso se mostra bastante eficaz como estratégia argumentativa para a defesa de pontos de vista implícitos. Com a análise foi possível observar que, para cada meme, dependendo do grau de viralização e do

nível de criatividade, é possível encontrar, muitas vezes, gêneros discursivos diversos, que emergem na internet e caminham para uma estandardização. Por isso, falamos de textos de gêneros variados que apelam ao recurso dos memes.

The appeal to memes in different genres in light of Textual Linguistic

Abstract

This research proposes to describe and define the language practice of memes on internet, analysing it based on defining criteria of genres of discourse according to assumptions of Bahktin and Bazerman, to understand how and for what purpose memes have been raised and how constitute themselves a historical journey on the internet. For this purpose, we will use the theoretical assumptions of Bakhtin, Miller, Bazerman and Rojo, and the notion of emerging genres of Marcuschi (2004) and Lima-Neto (2014), as well as the understanding of intertextual processes based on Cavalcante, Carvalho and Faria (2017). From our analysis, we argue that, by keeping the notion of genre we hold, memes could not constitute a single genre of discourse, since they can compose a diversity of discursive practices, not all with a socially stabilized nomination.

Keywords: Discursive genres. Meme. Viralization.

Notas

- Essa notícia foi divulgada em inúmeros portais. Este print corresponde à publicada em https://pleno.news/brasil/cidades/mae-se-emociona-com-boa-nota-da-filha-e-foto-viraliza.html
- Exemplo de uma "rage comic" em português com as "rage faces".
- Os exemplos (reunidos por meio de uma montagem de nossa própria produção) ilustram o meme "se me atacar, eu vou atacar" em produções de textos diversas: com *prints* do próprio vídeo e uma legenda, ou colocadas de outras maneiras (em balões, em construções que simulam o estilo *lettering*, etc.). Além disso, o último exemplo em três quadros são *prints* de um gif, que costumam circular em aplicativos de mensagens.
- ⁴ A paródia em vídeo está disponível no link: < https://www.youtube.com/watch?v=JjbE3cZI--wg>.
- Nomes advindos do acervo do Museu dos Memes: http://www.museudememes.com.br/acervo/.
- Texto-fonte, publicado pela mãe Gabriel Lucca em seu Facebook pessoal, reproduzido pelo Portal G1. Disponível em: < https://g1.globo. com/sp/bauru-marilia/noticia/2018/08/29/ bilete-feito-por-menino-para-faltar-a-escola--vira-meme-e-ganha-versoes-feitas-por-bichos--e-famosos.ghtml>. Acesso em 16 nov 18.
- O exemplo 5, e os exemplos 7, 8 e 9 que serão explanados à frente, foram retirados de uma compilação feita pelo site Museu de Memes, uma excelente iniciativa de pesquisadores da Universidade Federal Fluminense, que tanto cria um acervo sobre os memes publicados na internet como analisa e contextualiza os memes com parâmetros linguísticos e discursivos. Recomendamos aos pesquisadores que trabalham com a temática o acesso ao site: http://www.museudememes.com.br.
- http://ricardowelbert.blogspot.com/2018/09/ charge-e-verdade-esse-bilete.html

Referências

BAKHTIN, M, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, C. Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Angela Paiva Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel (Org.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CASTRO, Lorena Gomes Freitas de. *O meme digital:* construção de objetos de discurso em textos multimodais. 2017. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. G. S.; CARVALHO, A. P. L. Sobre intertextualidades estritas e amplas. *Revista de Letras*, n. 36, v. 2, jul./dez, 2017, p. 7-22. Disponível em: < http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31250/71735>. Acesso em: 03 dez. 2018.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Abordagens da argumentação nos estudos de Linguística Textual. *ReVEL*, edição especial v. 14, n. 12, 2016. [www.revel.inf.br].

CHARAUDEAU. P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2016.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GENETTE, G. Palimpsestes. La littérature au second degré. Paris: Seuil. 1982.

KNOBEL, M, LANKSHEAR, C. A new literacies sampler. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2007.

LIMA, G. O. S.; CASTRO, L. G. F. Meme digital: artefato da (ciber)cultura. *Revista* (Con)Textos Linguísticos, v. 10, n. 16, 2016, p. 38-51. Disponível em: < http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/13702>. Acesso em: 03 dez. 2018.

LIMA, S. M. C. A construção de memes verbo-imagéticos institucionais: estratégias de referenciação. CONGRESSO INTERNA-CIONAL DA ABRALIN, X. Niterói, 2017. (Comunicação oral)

LIMA-NETO, V. *Um estudo da emergência de gêneros no Facebook*. 2014. 308 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PASSOS, M. V. F. O gênero "meme" em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais. In: *Anais do SIELP*. v. 2, n. 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_204.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2018.

PINTO, R. Como argumentar e persuadir – Práticas: política, jurídica e jornalística. Lisboa: Quid Juris? - Sociedade Editora, 2010.

RODRIGUES, R. H. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. Linguagem em (Dis)curso, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 415-440, set. 2010. ISSN 1982-4017. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/272. Acesso em: 03 dez. 2018.

ROJO, R. H. R.; BARBOSA, J. P. Hiper-modernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, A. A. Memes virtuais: gêneros do discurso, dialogismo, polifonia e heterogeneidade enunciativa. *Revista Travessias*, v. 10, n. 3, 2016. Disponível em: < http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/15111/10559 >. Acesso em: 03 dez. 2018.

SOUZA, C. V. *Polifonia, Dialogismo e Gêneros*: a presença de Bakhtin nas aulas de Língua materna. Educação em foco, revistas eletrônicas, Amparo, SP, ano 2011, n. 2, p. 1-9, 2011. Disponível em: < http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2011/polifonia.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2018.

TAFFARELLO, M. C. M. O gênero multimodal e o ensino. SIMPÓSIO DE LINGUÍSTICA TEXTUAL, II. São Paulo, 2017. (Comunicação oral)